

Suplemento Cultural

VIAS DO INFINITO SER, O NOVO LIVRO DE RUBENIO MARCELO

ILEIDES MULLER – poeta/
escritora, da Academia Sul-Mato-
Grossense de Letras

Ainda sentindo o aroma da poesia, quero aqui registrar as emoções vividas durante o evento ocorrido em 16/5 p.p., no Teatro Prosa (SESC Horto), nesta Capital. Foi uma noite de júbilo, em que o poeta/escritor Rubenio Marcelo, secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL), apresentou ao público 'Vias do Infinito Ser', sua 11ª obra literária, aprovada pelo FIC/MS e editada pela Letra Livre. A solenidade, organizada com uma primorosa pauta literomusical na abertura, incluiu performances de poemas do autor (apresentados por exímios declamadores) – como, por ex., o poema "Falésias", que magistralmente recitado pela poeta/declamadora e acadêmica da ASL, Elizabeth Fonseca, espalhou-se suave pelo auditório, tal qual as ondas do mar de Aracati/CE quando beijam as falésias, e para lá transportou o autor-menino com o coração transbordante de emoção. Seguindo a programação, músicas interpretadas por grandes cantores sul-mato-grossenses (Gilson Espíndola, Zé Du, Galvão), com a participação especial do autor, encantaram o público presente. Na sequência, o secretário Athayde Nery, da Secretaria de Estado de Cultura e Cidadania (SECC), destacou as grandes qualidades de Rubenio Marcelo e a importância da sua presente obra para a literatura. O evento culminou com o pronunciamento do autor, o qual

“

(...) É hora de adentrar as 'Vias do Infinito Ser'. Em cada página, encontra-se o ser que mergulha fundo no mar das palavras, descobre tesouros linguísticos, cria liames de metáforas e, com elas, tece poemas de alto valor”

manifestou sua satisfação por ver o auditório repleto, ao tempo em que falou do seu novo livro e enalteceu a Poesia como gênero literário. Seguiu-se a concorrida sessão de autógrafos.

Com o livro na mão, é hora de adentrar as "Vias do Infinito Ser". Em cada página, encontra-se o ser que mergulha fundo no mar das palavras, descobre tesouros linguísticos, cria liames de metáforas e, com elas, tece poemas de alto valor. Para validar minha impressão, transcrevo alguns fragmentos acerca da obra. Do prefácio, escrito pelo crítico literário, poeta e doutor em Letras, José Fernandes, extrai: "... O livro 'Vias do Infinito Ser' se compõe de uma poesia profunda, marcada por forte dimensão metafísica, como o



TEATRO PROSA FICOU LOTADO NO EVENTO DE LANÇAMENTO

requer a concepção de infinito a que o ser tem de conquistar durante a existência". Do doutor em Letras, Paulo Nolasco, professor de Literatura Comparada e membro da ASL, colho trecho da sua abalizada Apresentação: "Em tudo e por tudo, esta mais nova publicação poética de Rubenio Marcelo – 'Vias do Infinito Ser' – vem engrandecer a fortuna crítica do escritor, além de sedimentar a robustecida produção literária contemporânea...". Nessa mesma via, o ilustre poeta, crítico literário e membro da Academia Brasileira de Letras, Antonio Carlos Secchin, assegura: "Na poesia de Rubenio Marcelo, em vez de o ser humano habitar o cosmo, é o universo que reside no homem. Tudo emana da força da poesia, e é com essa luz de dentro, deflagrada pelo poder do verbo, que subitamente as coisas ganham forma e novo sentido". Com real sensibilidade, a escritora, professora, mestre em Comunicação e Letras, membro da ASL, Raquel Naveira, teceu: "Rubenio Marcelo, com coragem, percorre nesse livro vias de infinito, de essência, de sobrenatural.

Vias de dúvidas, de certezas, de dores e êxtases. Para essa tarefa espiritual, vê-se 'entre a cruz e a encruzilhada das palavras', bifurcações de caminhos e escolhas estéticas e existenciais". Já o insigne poeta Geraldo Ramon, membro da ASL, revela que os poemas deste livro são "... verdadeiras joias poeticofilosóficas, que hão de adornar o íntimo dos seus sonhos em busca da virtude". E, ainda, Henrique de Medeiros, poeta e jornalista, membro da ASL, afirma: "Rubenio Marcelo sempre veleja, filosofa, canta, expõe em todos os seus momentos o verbo poeitar. E, principalmente, busca o essencial: o ser".

Diante de tantas assertivas, asseguro-lhes que o poeta Rubenio Marcelo possui a habilidade nata e a desenvoltura própria de quem se habituou no ofício de extrair essências. Em cada poema, reinventa significâncias, reescreve significados e recria importâncias. Pelas "vias do infinito ser", a poesia pulsa no ritmo das sensações e no compasso das emoções que eternizam os instantes.

POESIAS

GANIDOS DE DOR

(Para um cãozinho sobre-humano)

Não sei se à alma humana ainda é cabível
Dor maior pela morte de um canino:
Festeiro, peludinho, pequenino,
Do lar o mais fiel, humor incrível,

O 'Tódi' era pra nós um cão-menino.
Mais que humano talvez lhe fosse o nível,
Pois magoar-se pra ele era impossível,
Talvez fosse até mesmo um cão divino!

'Todinho', tu morreste atropelado,
Mas crendo que por Deus foste chamado,
A dor do adeus tu transformaste em luz...

E ao céu, feliz, nos acenando a cauda,
Com teu pelo marrom, que o amor desfralda,
Lamber foste o semblante de Jesus!

(28/05/2017)

GERALDO RAMON PEREIRA

O QUÊ DO SILÊNCIO

há um quê no silêncio
que é um som... é um sim...
sempre assim...
e este sim é do quê...
sinédoque... energia e sinergia
estesia
sim... estesia
sinestesia!... pelo sonho adentro...
pela meta afora...
metáfora
qual trato concreto ao abstrato
sine qua non
do método anímico...
metonímico
do sim e do quê
do que e do som
do querer... do frisson...
sine die
da assonância do novo...
da nave...
do voo... do renovo
ou o ok do revoo
do quê & Cia

RUBENIO MARCELO

DICIONÁRIOS (Parte final)

RAQUEL NAVEIRA

Quando em 1952, em pleno trabalho de gestação de Grande Sertão: Veredas, Rosa visitou Mato Grosso para observar a natureza e o comportamento dos boiadeiros, Manoel de Barros foi seu guia pantaneiro. Que embate formidável de mentes poderosas, dois colhedores de palavras- frutos. Manoel falou sobre isso em entrevista para a revista Bric-à-Brac: "... vi poucas notas da viagem de Rosa ao Pantanal. Quis saber, ele, ainda, de meus receios sobre as confusões com o exótico. Falei, falei demais, espichei. Dei a entender que estava olhando o Pantanal só como uma coisa exótica. Um superficial para só ver e bater chapa. Mesmo os que cantavam em prosa e verso ficavam enumerando bichos, carandás, aves, jacarés, seriemas; e que essa enumeração não transmite a essência do pantanal, porém só sua aparência... Precisamos de um escritor como você, Rosa, para frear com sua estética, com sua linguagem calibrada, os excessos de natural. Temos que enlouquecer o verbo, adoecê-lo de nós, a ponto que esse verbo possa transfigurar a natureza."

Desse encontro, segundo artigo de Paulo Ribeiro, surgiu um livro raríssimo de Rosa intitulado Um certo vaqueiro Mariano, em que Manoel de Barros transformou-se num personagem. Rosa escreveu na abertura: "Em julho, na Nhecolândia, Pantanal do Mato Grosso, encontrei um vaqueiro que reunia em si, em qualidade e cor, quase tudo o que a literatura empresta esparsa aos vaqueiros principais. Típico e não um herói, nenhum. Era tão de carne e osso, que nele não poderia empoeirar-se o cediço e fácil da pequena lenda. Apenas um profissional esportista: um técnico, amoroso de sua oficina. Mas denso, presente, almado, bom condutor de sentimentos, crepitante de calor humano, governador de si mesmo; e inteligente. Essa pessoa, este homem, é o vaqueiro José Mariano da Silva, meu amigo."

No livro Ave, Palavra, de Guimarães Rosa, destacam-se dois capítulos que falam sobre essa expedição a Mato Grosso: em "Sanga Puytã" ele descreve sua viagem a partir de Aquidauana,

sul avante, rodando as etapas por onde passou a Retirada da Laguna. Cita as macaubeiras amarelas tostadas pela geada, o verde veloz dos cerrados, a serra de Amambai refletida no poente, as casas velhas e espaçadas de Nioaque. Chega a Campo Grande, onde "aportam risos do Paraguai em pares de olhos escuros", no ritmo das polcas e das guarânias. E lá estão também a serra de Maracaju; o rio Machorra, com sua mata em galeria; os cinamomos às portas de Bela Vista; o Apa, cor de folha e a cidade fronteiriça de Pedro Juan Caballero, num "relento de eremitério e guerra". E, finalmente, Rosa lança um derradeiro olhar para o vilarejo de Sanga Puytã, "à borda de um campo com cupins e queimadas". Confessa o escritor amante das palavras: "Apenas a gente pensa que a viagem foi toda para recolher esse nome encarnado, molhado, coisa de nem vista flor".

No capítulo "Uns índios (sua fala)", Rosa refere-se aos terenos, povo meridional dos Aruaques, que ele observou em Campo Grande. Foi uma surpresa para um filólogo como ele escutá-los coloquiar entre si no seu ríspido idioma. Uma língua não guarani, não nasal, mas firme e contida. Respeitou os falantes daquela língua, como se eles representassem uma cultura antiquíssima. Anotou algumas palavras: frio: kás-as-tj; onça: sí-i-ní; peixe: khró-é. "Todas as línguas são rastros de velhos mistérios", concluiu ele.

E por falar nisso, reputo como um tesouro o dicionário Português-Guarani, de Tertuliano Amarilha, que ganhei de meu tio Cazuzu, quando o visitamos em Cuiabá. Pinço algumas palavras: nhu-verá: campo brilhante; jeroky: baile; panambi: borboleta; porá: belo; moroti: branco; ygá: canoa; pira: peixe; hovy: azul; avati: milho. Súbito, uma borboleta branca pousa como um pétala de neve na estante. Exclamo: "Panambi moroti! Porá!", enquanto fecho o dicionário.

Ficou curioso para saber qual a palavra que eu estava mesmo procurando no dicionário? Era simplesmente "humildade". Modéstia, submissão, pobreza, inferioridade. Vem de "húmus", "humo", que significa "terra", "solo". Não é lindo?

A FAZENDOLA

ADAIR JOSÉ DE AGUIAR

Dorinha, como é mesmo o nome daquele teu santo que tá pregado ali na parede?

São Francisco, homem de Deus, São Francisco de Assis, um santo milagreiro, cousa bárbara. Tu nunca te lembra dele, meu velho.

Não, não é que não me lembro, é que me esqueço sempre, mas tá bem.

Prudêncio, o seu Dêncio, continuou trançando um sovêu, à sombra do cinamomo, de frente do galpão.

Não era um homem rico, mas tinha amalhado um pedaço de campo e um gadinho. Calmo e servidor, seu Dêncio era benquisto por todos, não se metia em quizilha, nem em política.

Dorinha, ô Dorinha.

O que é desta vez, Dêncio?

Esse teu Santo Assis há de ser desses Assis aqui da Encruzilhada, o velho Neco, o Coronel Pitaco, a Dona Thomázia, tu não acha?

Não, meu velho, não é. Ele é lá da Europa, bem longe daqui, do outro lado do mar.

Mas esse nome Assis, então, o que é?

Pois é uma cidade da Itália, lá onde ele nasceu. Só faltava essa, São Francisco ser brasileiro como a gente!

Seu Prudêncio e Dona Dorotheia se conheceram num baile, lá para as bandas do Cambará, num dia de festa, de carreirada, aniversário de um fazendeiro influente.

Seu Dêncio já meio velhusco e ela, moça formosa, disputada pela rapaziada que tropeçava nas esporas, para poder cumprimentá-la, na esperança, ao menos, de um sorriso da morocha.

Portanto, se conheceram e aquilo foi fogo no capim barba de bode. Com o conhecimento das famílias e na maior decência, logo juntaram os pelegos e foram morar juntos, no rancho dele.

Dorinha, me diga uma cousa.

Mas o que é, Dêncio?

Um dia o Vigário falou nesse Francisco de Assis, falou, não falou?

Pois falou, era a festa do Santo dia 04 de outubro. E daí?

Eu, então, fiquei cismando: será que esse tal Santo milagreiro, não era meio descontado da cabeça?

Ai, Santa Virge, não diga uma blasfêmia, cruz, credo.

Não é por mal, longe de mim, tu me conhece bem, é que ele andava com um carrinho de mão pedindo: eu quero pedra, preciso de pedra. Ora, onde já se viu, sair pedindo esmola de pedra!

Aí, a Dorinha não aguentou mais e veio, enxugando as mãos no avental xadrez. Sentou-se na banquetta ao lado do marido e pegou a dar explicação: São Francisco, lá de Assis, era muito pobre e queria construir uma Capela de oração, não existia tijolo e essas coisas modernas, então, ele pedia pedra. Entendeu?

Bueno, tá esclarecido. Mas ele também chamava a água, o vento, as plantas e os bichos de irmão, de irmã, não chamava?

Chamava sim, porque a gente, a natureza e tudo o mais é de Deus, foi criado por Ele, então a gente é irmão de tudo isso.

É. Seja lá. Não tem dúvida.

E o velho Dêncio prosseguiu trançando o sovêu.

A tarde domingueira caía plácida na imensidão do pampa. Os poetas diriam que ela rezava, negaciando a noite que se aprofegava.

Dorinha, minha cara, venha cá um cadinho e oiça. E se a gente batizasse a nossa fazendolina de Fazenda São Francisco. Não concorda?

Fazenda não se batiza, Dêncio, o Vigário benze e ela fica benta.

Tá certo. Fica decidido. Quando o Vigário aparecer, para rezar a missa dele.

A gente traz ele aqui e ele batiza o nosso rancho e a fazendola.

Assim, surgiu a Fazenda São Francisco, do casal Prudêncio e Dorotheia Bica.